

## CUIDADORES PRINCIPAIS DE ADULTOS HOSPITALIZADOS E SOB CUIDADOS PALIATIVOS

**KALIANA DE OLIVEIRA SILVA<sup>1</sup>; ANA CRISTINA FRAGA DA FONSECA<sup>2</sup>;**  
**VANESSA PELLEGRINI FERNANDES<sup>3</sup>; ADRIAN VARELLA DOS REIS<sup>4</sup>;**  
**FRANCIELE ROBERTA CORDEIRO<sup>5</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – kaliana\_os@hotmail.com*

<sup>2</sup>*Hospital Escola UFPel/EBSERH – anacfragafonseca@gmail.com*

<sup>3</sup>*Hospital Escola UFPel/EBSERH – nessapfernandes@gmail.com*

<sup>4</sup>*Universidade Federal de Pelotas – adrianvarella@hotmai.com*

<sup>5</sup>*Universidade Federal de Pelotas – franciele.cordeiro@ufpel.edu.br*

### 1. INTRODUÇÃO

O cuidador é o indivíduo da família ou comunidade responsável por prestar cuidados à pessoa de qualquer faixa etária que necessite de cuidado por estar acamado ou incapacitado física e/ou mentalmente. Tem como função auxiliar e acompanhar na realização de tarefas em que a pessoa não tenha condições de realizar sozinha (BRASIL, 2008).

É comum que o cuidador principal seja escolhido pela própria família do paciente, sendo levado em consideração para a escolha o grau de parentesco, gênero, idade, disponibilidade de tempo, situação financeira e afetividade (ALMEIDA et al., 2017). Ainda, as questões financeiras podem ser decisivas para a não contratação de um cuidador especializado, fazendo com que as responsabilidades fiquem a cargo exclusivamente do familiar mais próximo (MOREIRA; CALDAS, 2007).

Quando um membro da família adoece, em virtude de uma doença crônica ou não, pode ocorrer a agudização de sinais e sintomas, que resulta na necessidade de hospitalização para o controle adequado de tais alterações. A hospitalização provoca mudanças na dinâmica e na rotina da família, exigindo adaptações e rotatividades entre aqueles que assumem o papel de acompanhante ou cuidador no hospital, a fim de evitar a sobrecarga. Quando se trata da hospitalização de pessoas com doença que não responde mais ao tratamento modificador, a tendência é que o cuidador familiar seja mais solicitado, tendo em vista o aumento da dependência física, emocional e da necessidade de resolver pendências burocráticas antes do óbito (NEVES et al., 2018).

Em cuidados paliativos, a família é considerada um dos elementos essenciais no planejamento dos cuidados. A fim de favorecer a inserção da família nos cuidados ao paciente que se encontra hospitalizado e que vivencia as etapas finais do adoecimento, torna-se interesse desenvolver estratégias que os auxiliem na adaptação do processo de cuidar (OLIVEIRA et al., 2018).

Dito isto, este estudo teve como questão norteadora: Quem são as pessoas que acompanham adultos hospitalizados e sob cuidados paliativos? Para respondê-la, delimitou-se como objetivo identificar os cuidadores principais de adultos hospitalizados e sob cuidados paliativos.

## 2. METODOLOGIA

Estudo de abordagem quantitativa, descritivo, do tipo retrospectivo, realizado a partir de dados oriundos do projeto de extensão intitulado “*A consulta de enfermagem como instrumento de cuidado às pessoas com doenças que ameaçam a vida e suas famílias*”, vinculado à Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas e desenvolvido em colaboração com a Equipe de Consultoria em Cuidados Paliativos do Hospital Escola UFPel/EBSERH.

A coleta dos dados ocorreu em agosto de 2019 no banco de dados construídos a partir dos instrumentos de avaliação aplicados entre outubro de 2018 e julho de 2019, mediante autorização da pesquisadora responsável pelo projeto. Dentre os aspectos avaliados no instrumento estão a rede de apoio dos pacientes. Procura-se identificar o histórico de doenças na família, com quem o paciente mora, bem como quem é a pessoa responsável pelo cuidado durante a hospitalização.

O estudo foi aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa sob Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº13634719.2.0000.5316 e Parecer nº 3.335.690.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Entre Outubro de 2018 e Julho de 2019 foram avaliados 39 pacientes. Evidenciou-se que os cuidadores eram, majoritariamente, mulheres integrantes da família. O papel de assistência designado à mulher surge de uma construção histórica e social, em que desde criança as meninas são ensinadas a realizar tarefas de cuidado. Logo, a cultura torna-se um elemento norteador para a escolha de quem assistirá ao idoso em seu processo de envelhecimento (FERREIRA; ISAAC; XIMENES, 2018). Oito pacientes foram acompanhados pelas filhas, cinco, pelas esposas e seis, pelas irmãs. Um dos pacientes era acompanhado por neta e esposa. Um recebia acompanhamento da esposa e dos filhos.

O cuidado nem sempre é permeado por sentimentos de amor e afeto, podendo ser visto como obrigação moral, aumentando o desgaste emocional e sendo um potencial gerador de conflito entre familiares (ESPÍNDOLA *et al.*, 2018). Na Espanha, a maioria das cuidadoras de idosos são as filhas dos pacientes, em decorrência das condições socioeconômicas, profissionais, e por normalmente residirem no mesmo domicílio do idoso (FALCÃO; BUCHER-MALUSCHKE, 2008).

A esposa que cuida do companheiro, muitas vezes coloca-o como prioridade, esquecendo de si mesma. O tempo que era dedicado às atividades diversas, inclusive à própria saúde, a partir do adoecimento é empregado exclusivamente nas tarefas de cuidado ao enfermo (PIOLLI; DECESARO; SALES, 2016). As irmãs assumem papel de cuidadoras quando o contexto de vulnerabilidade e condição de baixa renda limitam o suporte para o cuidado, havendo necessidade de pedir auxílio para outros membros da família (JESUS; ORLANDI; ZAZZETTA, 2018).

Cinco pacientes eram cuidados exclusivamente por filhos do sexo masculino. Duas pacientes internadas recebiam auxílio dos cônjuges. Três eram apoiados pelos primos. Estudo sugere que o cuidado desempenhado pelas mulheres tem forte cunho emocional, enquanto os homens lidam de forma mais orientada, além de

favorecerem uma abordagem independente de cuidado, acessando serviços e apoios menos formais. Entretanto, podem relutar em revelar sentimentos de carga ou angústia devido ao estereótipo da masculinidade, que idealiza a autoconfiança (ROBINSON *et al.*, 2014). É comum que os homens participem do cuidado de forma secundária, por meio de ajuda material ou em tarefas como o transporte do idoso, compra de remédios ou pagamento de contas (ARAUJO *et al.*, 2013).

Um paciente estava acompanhado por uma amiga, um pela cunhada e outro, pela nora. Este dado reforça o fato de que ainda se espera que a mulher assuma as funções do cuidado em geral, apesar de todas as mudanças sociais, da composição familiar e dos novos papéis assumidos pela mulher na sociedade (ARAUJO *et al.*, 2013).

Existe expectativa, por parte da sociedade, de que as mulheres são a melhor opção para prestarem cuidados ao membro da família em final de vida, causando sobrecarga física e emocional (MORGAN *et al.*, 2016).

#### 4. CONCLUSÕES

Conclui-se que, embora as mulheres não se limitem às atividades do lar em decorrência do acesso ao mercado de trabalho, o cuidador predominante no acompanhamento durante a hospitalização continua sendo do sexo feminino e com parentesco de primeiro grau ou cônjuge do doente.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, D. A. et al. Cuidados paliativos: percepção de cuidadores familiares de idosos em tratamento oncológico. **Rev Saúde (Santa Maria)**. Brasil, v. 43, n. 2, p. 55-62, 2017.

ARAUJO, J. S. et al. Perfil dos cuidadores e as dificuldades enfrentadas no cuidado ao idoso, em Ananindeua, PA. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.** Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 149-158, 2013.

**BRASIL. Guia Prático do Cuidador.** Série A. Normas e Manuais Técnicos. Brasília: Ministério da Saúde, 2008. Disponível em:  
[<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia\\_pratico\\_cuidador.pdf>](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_pratico_cuidador.pdf)

ESPÍNDOLA, A. V. et al. Relações familiares no contexto dos cuidados paliativos. **Rev. bioét.** Brasil, v. 26, n. 3, p. 371-7, 2018. Disponível em:  
[<http://www.scielo.br/pdf/bioet/v26n3/1983-8042-bioet-26-03-0371.pdf>](http://www.scielo.br/pdf/bioet/v26n3/1983-8042-bioet-26-03-0371.pdf)

FALCÃO D. V. S.; BUCHER-MALUSCHKE, J. S. N. F. Filhas que cuidam de pais/mães com provável/possível Doença de Alzheimer. **Estudos de Psicologia**. Brasil, v. 13, n. 3, p. 245-256, 2008. Disponível em:  
[<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v13n3/a07v13n3.pdf>](http://www.scielo.br/pdf/epsic/v13n3/a07v13n3.pdf)

FERNANDES, C. S.; ANGELO, M. Cuidadores familiares: o que eles têm? Uma revisão integrativa. **Rev. esc. enferm. USP [online]**. Brasil, v. 50, n. 4, p. 675-682, 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342016000400675&script=sci\\_abstract&tlang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342016000400675&script=sci_abstract&tlang=pt)>

FERREIRA, C. R.; ISAAC, L.; XIMENES, V. S. Cuidar de idosos: um assunto de mulher? **Est. Inter. Psicol.** Brasil, v. 9, n. 1, p. 108-125, 2018. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?>>

JESUS, I. T. M.; ORLANDI, A. A. S.; ZAZZETTA, M. S. Sobrecarga, perfil e cuidado: cuidadores de idosos em vulnerabilidade social. **Rev. bras. geriatr. gerontol.** Brasil, v. 21, n. 2, p.194-204, 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-98232018000200194&tlang=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232018000200194&tlang=pt&nrm=iso)>

MOREIRA, M. D.; CALDAS, C. P. A importância do cuidador no contexto da saúde do idoso. **Esc. Anna Nery**. Brasil, v. 11, n. 3, p. 520-525, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452007000300019](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452007000300019)>

MORGAN, T. et al. Gender and family caregiving at the end-of-life in the context of old age: A systematic review. **Palliat Med**. New Zealand, v. 30, n. 7, p. 616–624, 2016. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/pmid/26814213/citedby/?tool=pubmed>>

NEVES, L. et al. O impacto do processo de hospitalização para o acompanhante familiar do paciente crítico crônico internado em Unidade de Terapia Semi-Intensiva. **Esc Anna Nery**. Brasil, v. 22, n. 2, p. 1 – 8, 2018.

OLIVEIRA, S. G. et al. As fases de adaptação no cuidar: intervenções com cuidadores familiares no domicílio. **Extensio: Revista Eletrônica de Extensão**, Florianópolis, v. 15, n. 30, p. 104-114, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/1807-0221.2018v15n30p104>>

PIOLLI K.C.V.; DECESARO M.N.; SALES C. A. O (des)cuidar-se como mulher ao ser cuidadora do companheiro com câncer. **Rev Gaúcha Enferm**. Brasil, v. 39, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v39/1983-1447-rgenf-39-01-e2016-0069.pdf>>